

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos

Joel Cícero da Silva

**A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE AMIZADE EM SANTO AGOSTINHO
NA PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DOS QUESTIONAMENTOS
DE ZYGMUNT BAUMAM**

Belo Horizonte
2013

Joel Cícero da Silva

**A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE AMIZADE EM SANTO AGOSTINHO
NA PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DOS QUESTIONAMENTOS
DE ZYGMUNT BAUMAM**

Monografia apresentada ao curso de filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Frei Luiz Antônio Pinheiro, OSA

Belo Horizonte

2013

S586r Silva, Joel Cícero da
A relevância do conceito de amizade em Santo Agostinho na
pós-modernidade a partir dos questionamentos de Zygmunt Bauman . /
Joel Cícero da Silva. Belo Horizonte, 2013.
41 f.

Orientador: Luiz Antônio Pinheiro
Monografia (graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino,
Curso de Filosofia, 2013.

1. Santo Agostinho. 2. Amizade. 3. Redes sociais. 4. Bauman.
5. Liquidez. I. Pinheiro, Luiz Antônio. II. Instituto Santo Tomás
de Aquino III. Título

CDU: 316.733: 1(45)

Joel Cícero da Silva

**A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE AMIZADE EM SANTO AGOSTINHO
NA PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DOS QUESTIONAMENTOS
DE ZYGMUNT BAUMAM**

Monografia apresentada ao curso de filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Luiz Antônio Pinheiro (Orientador) - ISTA

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2013.

*A todos aqueles que, mesmo vivendo na liquidez dos nossos
tempos, ainda acreditam no valor da amizade existente entre
duas ou mais pessoas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela oportunidade que me foi dada.

Aos meus pais, Cícero Joaquim e Maria do Carmo Gomes, pelo apoio e por sempre acreditarem em mim.

À minha irmã mais velha, amiga e primeira professora, Maria José, pelo dom do seu magistério que foi de grande importância para o meu primeiro contato com as Letras.

Aos amigos Alice Silva, Diego Camelo, Géster de Souza, Gleison Henrique, Manoel Gomes e Sérgio Gouveia, pela força e contribuição.

Ao Danilo Aparecido pela amizade verdadeira, que nasceu em um dos momentos mais difíceis de minha vida.

À Ordem de Santo Agostinho pela fraterna acolhida no Vicariato Nossa Senhora da Consolação do Brasil.

Ao Frei Luiz Antônio Pinheiro, pela amizade e por sua fiel orientação.

E, por fim, a todos aqueles que, mesmo com o atual fenômeno da fragilidade dos laços humanos, acreditaram no valor de nossa amizade, ajudando-me a chegar até aqui.

*“A amizade torna-se querida pelo vínculo suave
que une muitas almas numa só.”
(SANTO AGOSTINHO)*

RESUMO

Vivemos em um mundo líquido-moderno, em uma sociedade de consumo na qual tudo parece ser descartável, onde o novo já não é mais tão novo como antes parecia ser. Nele até os nossos relacionamentos são atingidos pelo fenômeno que Bauman define como sendo a fragilidade de nossos laços em sua obra que tem como eixo central o conceito de Liquidez. No que tange às relações humanas, mais especificamente na dimensão da amizade, o pensamento de Santo Agostinho é referência, desde os séculos IV e V, perpetuando-se até os tempos atuais. O avanço da tecnologia trouxe consigo os meios de comunicação instantânea. Surgiram as Redes Sociais e, com elas, uma nova concepção de amizade. Hoje existem os amigos virtuais, os que só existem na Rede, e os amigos reais, aqueles que fazem parte de nosso cotidiano, os que vivem na Comunidade. Este contexto nos convida a uma reflexão acerca da relevância do conceito de Amizade em Santo Agostinho vivenciado nos dias de hoje a partir dos questionamentos de Zygmunt Bauman, pois, no mundo em que vivemos, segundo ele, tudo é líquido, superficial, nada é feito para durar.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Amizade. Redes Sociais. Bauman. Liquidez.

ABSTRACT

We live in a world liquid-modern, in a consumer society where everything seems to be disposable, where the new is no longer as new as once seemed. Thus, even our relationships are affected by the phenomenon that Bauman defines as the fragility of our bonds in his work that has as the central axis the concept of liquidity. Regarding human relationships, specifically the dimension of friendship, the thought of Saint Augustine is a reference since the 4th and 5th centuries, perpetuating itself until today. The advancement of technology has brought with it the means of instant communication. Social Networks have emerged and with them, a new conception of friendship. Today exist virtual friends, who only exist in the network, and real friends, those who are part of our everyday lives, living in the Community. This context invites us to reflect on the relevance of the concept of Friendship in Saint Augustine experienced nowadays based on questions of Zygmunt Bauman, because the world we live in, according to him, everything is fluid, superficial, nothing is done to last.

Keywords: Saint Augustine. Friendship. Social networks. Bauman. Liquidity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 BAUMAN E SUAS PONDERAÇÕES SOBRE A LIQUIDEZ DOS TEMPOS HODIERNOS.....	11
2.1 O HOMEM E A LIQUIDEZ DE SEUS RELACIONAMENTOS.....	13
2.2 O CONSUMISMO NA SOCIEDADE LÍQUIDA.....	14
2.3 O FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS.....	16
3 A AMIZADE NA VIDA E NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO.....	19
3.1 AGOSTINHO, UMA BREVE BIOGRAFIA.....	19
3.2 A GÊNESE DA AMIZADE NO SEIO FAMILIAR.....	22
3.3 A AMIZADE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA.....	23
3.4 OS PRINCIPAIS AMIGOS DE AGOSTINHO.....	24
3.4.1 O “amigo anônimo” de Tagaste.....	24
3.4.2 Os amigos de Cartago.....	25
3.4.3 Alípio.....	27
3.4.4 Nebrídio.....	28
3.4.5 Romaniano.....	29
4 A AMIZADE POR SANTO AGOSTINHO.....	31
4.1 ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES.....	32
4.1.1 Amor.....	32
4.1.2 Caritas.....	33
4.1.3 Amicitia – Vera Amicitia.....	33
4.1.4 Benevolentia.....	34
4.1.5 Consensio.....	34
4.2 DEFINIÇÕES RELEVANTES DE AMIZADE.....	35
4.2.1 Uma definição clássica de amizade.....	35
4.2.2 Outras formas igualmente válidas, adotadas por Agostinho, para a definição de amizade.....	36
4.2.3 A verdadeira amizade.....	37
5 A RELEVÂNCIA DA AMIZADE AGOSTINIANA NOS TEMPOS ATUAIS....	40
5.1 AMIZADE: UMA FORMA SUBLIME DE AMAR.....	40
5.2 ENTRE AMIGOS.....	41
5.3 AMIZADE: UM TEMPLO SAGRADO ONDE O HUMANO E O DIVINO SE ENCONTRAM.....	42
5.4 AMIZADE: UM CAMINHO QUE DÁ SENTIDO À NOSSA EXISTÊNCIA.....	43
5.5 AMIZADE: UM SENTIMENTO QUE NASCE DA CONFIANÇA.....	44
6 CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O mundo atual em que vivemos é marcado por uma série de fatores que acabam interferindo na vida do homem. Assim acontece, também, na sua maneira de relacionar-se com os outros, principalmente na dimensão da amizade que, nos tempos hodiernos, tem uma nova faceta, vem acontecendo no mundo virtual, ou seja, nas Redes Sociais, a “amizade virtual”.

O homem, em sua atual condição sociocultural, convive diariamente com a transitoriedade, com o consumismo e com a fluidez das mudanças cotidianas que podem afetar diretamente, ou não, os seus relacionamentos interpessoais. Zigmunt Bauman afirma que há uma diferença entre os amigos da *rede* e os da *comunidade*, onde vivemos e construímos nossos relacionamentos. Segundo ele, os nossos vínculos são frágeis, já que vivemos em tempos líquidos, onde tudo é muito superficial, onde nada é feito para durar.

O homem, em suas relações, tem sido alvo de reflexões no pensamento de alguns teóricos no decorrer de sua história. Um deles é Agostinho, que viveu nos séculos IV e V e que vê a amizade como sendo uma das qualidades mais valiosas de nossa existência humana.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma explanação sobre o conceito de amizade e sua relevância nos dias de hoje. Para isso, no início, faremos um breve estudo sobre a fluidez dos laços humanos na obra *Vida Líquida*, de Zigmunt Bauman, buscando refletir, assim, acerca da amizade e sua vivência na sociedade atual. Em seguida, faremos um primeiro contato com o conceito de amizade na vida e na obra de Santo Agostinho. Por fim, abordaremos o conceito de Verdadeira Amizade, em Santo Agostinho, passando por outros conceitos igualmente importantes para a sua melhor definição.

2 BAUMAN E SUAS PONDERAÇÕES SOBRE A LIQUIDEZ DOS TEMPOS HODIERNOS

Nascido em novembro de 1925, o filósofo e sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, radicado na Inglaterra desde 1971, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Seu pensamento tem como um dos principais objetivos, por mais de meio século de produção acadêmico-literária, tentar traduzir o mundo por meio de seus textos e de suas palavras. Teve alguns de seus trabalhos censurados e, em 1968, foi afastado da universidade. Após sua passagem por alguns países¹, fixa-se na Grã-Bretanha onde, em 1971, torna-se professor titular de sociologia da Universidade de Leeds², cargo que ocupou por vinte anos.

Bauman é considerado, por muitos, um dos intelectuais mais críticos e produtivos dos tempos hodiernos. Como renomado escritor, seus livros já ultrapassam os mais de 50 (cinquenta) títulos, dentre os quais *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido*, *Vida Líquida*, entre outros. Podemos afirmar que seu pensamento consiste, na maioria das vezes, numa profunda reflexão sobre o mundo e as condições em que nele vivemos. Seus questionamentos³ são amplos e variados tendo como foco a vida de homens e mulheres comuns do nosso cotidiano.

Segundo Bauman, nós vivemos em uma sociedade líquida, onde nada é feito para durar por muito tempo. E, como membros desta sociedade líquida, estamos condenados, também, a vivermos uma vida inteiramente líquida que, segundo o autor, consiste em “uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

A liquidez da qual o autor nos fala, em suas últimas obras onde aborda a situação atual do nosso cotidiano, consiste em uma analogia correspondente ao fato de que os líquidos não possuem uma forma própria, são inteiramente amorfos, ou seja, são fluídos que se moldam conforme os recipientes nos quais estão contidos, diferentemente dos sólidos que são rígidos e precisam sofrer uma certa tensão de forças sobre si para serem moldados às novas formas que lhes são impostas.

¹ Antes de chegar à Grã-Bretanha, tendo emigrado da Polônia, Bauman reconstruiu sua carreira passando pelo Canadá, Estados Unidos e Austrália.

² Fundada em 1904, a Universidade de Leeds, é, atualmente, uma das maiores do Reino Unido, tendo capacidade para mais de trinta mil estudantes.

³ Holocausto, globalização, sociedade de consumo, amor, comunidade e individualidade são algumas das questões tratadas por Bauman nas quais sempre salienta a dimensão ética e humanitária que deve nortear tudo o que diz respeito à condição humana.

Sabemos que os líquidos mudam de forma constantemente, ou seja, eles são incapazes de manter, por muito tempo, a mesma configuração. Como vimos, anteriormente, no mundo em que vivemos, hoje, nada é feito para perdurar, em outras palavras, em entrevista à revista ISTOÉ, e instigado a caracterizar a *modernidade líquida*, Bauman responde que “no atual estágio *líquido* da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem.” (BAUMAN, 2010).

Dentro da sociedade líquido-moderna, há uma regra geral que determina o sentido e a relevância dos indivíduos assim como sua permanência na mesma. Esta regra dita que a vida, em uma sociedade descrita como tal, não pode ficar parada, ela deve modernizar-se ou, caso contrário, perecerá. Para aqueles que ficam parados resistindo à “modernização” exigida para a vida dos que configuram e movimentam a sociedade líquida, segundo Bauman, só lhes resta um lugar: a lata de lixo, que constitui o destino final daqueles que, nestas condições, passam a ser definidos como retardatários. (BAUMAN, 2007, p. 10).

Em outra passagem, o autor compara a nossa vida, vivida nestas condições, como sendo uma cadeia cíclica de vivências onde nossas relações mútuas se desenvolvem de modo absolutamente contínuo consistindo, assim, em uma série de reinícios.

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seriam inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem propriedade sobre adquiri-las. (BAUMAN, 2007, p. 8).

Em suma, Bauman entende por líquido-moderna uma sociedade em cujas condições, sob as quais seus membros agem, mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, de suas formas de agir. Em outras palavras, o autor quer nos mostrar que, vivendo numa sociedade como tal, “as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

2.1 O HOMEM E A LIQUIDEZ DE SEUS RELACIONAMENTOS

Para o filósofo e sociólogo contemporâneo Zigmunt Bauman, um dos fatores que também marcam e caracterizam constantemente a nossa sociedade é, sem dúvida, a fluidez dos vínculos que se encontra completamente arraigada nas características da pós-modernidade. Para melhor entendermos esta fluidez, por ele conceituada, podemos fazer uma analogia entre os nossos relacionamentos interpessoais e quaisquer outros elementos que possam se mover sem a menor dificuldade, ou seja, que simplesmente “fluem”, que escorrem facilmente entre os dedos, que vazam e/ou evaporam rapidamente, que possam preencher qualquer espaço vazio com leveza e fluidez.

Esta discussão, entre outras, é profundamente retratada nas primeiras obras do autor, onde nos deixa bem claro que seria impossível fugir das consequências de um mundo totalmente globalizado, com suas ondas de constantes informações e novas ideias. Os tempos atuais são *líquidos*. Tudo ocorre com intensa velocidade, nada é feito para durar, para ser *sólido*. Segundo o autor, toda esta liquidez se reflete conseqüentemente, nas nossas relações interpessoais, inclusive no amor que aparentemente pode existir entre duas pessoas. Em uma de suas entrevistas, Bauman é questionado a respeito do *Amor líquido*⁴ o qual ele define fazendo uso das seguintes palavras:

Amor líquido é um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade – mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade. (BAUMAN, 2010).

Em uma sociedade líquido-moderna, defende Zygmunt Bauman, as relações, assim como os hábitos e as formas de proceder, mudam em um tempo muito rápido, isto é, a sociedade em suas atitudes, características, personalidades, caráter, etc., não mantém uma forma estável por um tempo significativo, ao contrário em questão

⁴ É em seu livro intitulado de “Amor Líquido - Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos” que Zygmunt Bauman discorre sobre e porque que as nossas relações se tornam cada vez mais flexíveis, gerando sempre níveis de insegurança cada vez maiores.

de segundos, a situação que existia se alterou. Em suma, aquilo que antes era líquido agora parece não passar de uma nuvem de vapor.

Isso afeta diretamente o homem em suas relações, pois, para ele, não há tempo a perder prendendo-se em algo duradouro, é preciso se atualizar. Porém, esta dificuldade em relacionar-se com os outros se encontra apenas em nossas vidas concretas uma vez que no mundo virtual⁵ não nos parece ser tão difícil assim, pois, é só você pressionar um *delete*, e pronto: “em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos.” (BAUMAN, 2011).

Por isso os indivíduos não criam raízes uns com os outros, só conseguem manter-se temporariamente direcionados àqueles seus relacionamentos, que são sempre superficiais. Assim acontece, na maioria das vezes, com as amizades atuais onde, nestas condições, os substantivos *quantidade* e *qualidade* ocupam posições opostas ou podem até mesmo passar a serem vistos como autênticos sinônimos. De acordo com Zigmunt Bauman, há uma diferença nos conceitos de amizade vivenciados entre o mundo real e o virtual.

Um viciado no Facebook me segredou, não segredou de fato, mas gabou-se para mim de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi que eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos. Eu não consegui isso. Então, provavelmente, quando ele diz “amigo” e eu digo “amigo”, não queremos dizer a mesma coisa. São coisas diferentes. (BAUMAN, 2011).

2.2 O CONSUMISMO NA SOCIEDADE LÍQUIDA

A vida líquida é sintetizada, também, em uma vida de consumo, sendo o mundo um projeto de objetos inexistentes de utilidade, ou seja, o mundo é moldado ou constituído segundo os padrões dos objetos de consumo. No entanto, esses objetos têm um limite de uso, se transformando em próprios e inúteis. Por serem precocemente considerados ultrapassados na sociedade os objetos de consumo devem sair da vida das pessoas que os consomem e serem substituídos por outros objetos que estão sendo lançados e/ou ainda nem sequer foram utilizados.

Já nas primeiras páginas de sua obra, *Vida líquida*, Bauman afirma que “na sociedade dos consumidores, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo. E

⁵ Nas Redes Sociais.

não apenas das larvas, e não somente no finalzinho da vida de consumo.” (BAUMAN, 2007, p. 18).

A título de ilustração, podemos citar, por exemplo, a atual febre tecnológica que tem sido causada no mercado mundial no que tange ao comércio dos aparelhos celulares mais sofisticados do momento: os tão desejados iPhones⁶. Quem ainda não ouviu falar em iPhone, certamente deve estar totalmente desligado daquilo que tem acontecido ultimamente no mundo da tecnologia.

Nunca se viu, antes, tanto alvoroço em torno do lançamento de um aparelho de celular que tenha, por incrível que pareça, como uma de suas funções menos utilizada, justamente a comunicação verbal entre a maioria dos seus consumidores, devido às inúmeras funções que, por meio de uma variedade de aplicativos, este disponibiliza para todos os seus usuários. Na sociedade líquido-moderna, somos continuamente incentivados a consumir tais aparatos, caso contrário, seremos automaticamente deixados para trás.

Para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo que ninguém mais quer ser visto, de ser pego cochilando e de perder o trem do progresso em vez de viajar nele, você deve ter em mente que é da natureza das coisas exigir vigilância, não lealdade. No mundo líquido-moderno, a lealdade é motivo de vergonha, não de orgulho. Conecte-se ao seu provedor de internet de manhã bem cedo e a principal notícia do dia vai lembrá-lo daquela verdade nua e crua: “Com vergonha de seu celular? Será que este é tão velho que você fica envergonhado ao atender uma chamada? Faça um *upgrade* para um aparelho do qual você possa se orgulhar.” O lado negativo da ordem de “fazer um *upgrade*” para um celular “*consumidoristicamente* correto” é, com certeza, a exigência de não voltar a ser visto portando aquele para o qual você fez um *upgrade* da última vez. (BAUMAN, 2007, p. 17).

Viver em um mundo de consumidores e seus respectivos objetos de consumo, nos permite afirmar que nossas vidas estarão flutuando, constantemente, entre os prazeres de consumo e os horrores da pilha de lixo. Uma vez que o lixo é, segundo o autor, o principal e mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo. (BAUMAN, 2007, p. 17).

Na vida líquida, a distinção entre consumidores e objetos de consumo é, com muita frequência, momentânea e efêmera, e sempre condicional. Podemos dizer que a regra aqui é a reversão de papéis, embora até mesmo

⁶ O iPhone é um smartphone, ou seja, consiste em um dos aparelhos celulares mais modernos e mais desejados da atualidade, foi desenvolvido pela empresa multinacional norte-americana Apple Inc.

esta afirmação distorça a realidade da vida líquida, na qual os dois papéis se interligam, se misturam e se fundem. (BAUMAN, 2007, p.18)

Nestas condições, em que notamos estarmos todos vivendo em uma realidade na qual a sociedade de produção se transformou em uma sociedade de consumo, podemos dizer que a vida líquida resume-se na valorização de coisas supérfluas, ou seja, “numa vida precária, vivida em condições de incertezas constantes.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

2.3 O FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS

O fato de que as Redes Sociais estão presentes e já fazem parte do nosso dia a dia, não deve ser novidade para quase ninguém. A verdade é que tais ferramentas estão presentes sim e tomam partes significativas de tempo no cotidiano de muita gente. Porém, antes de refletirmos um pouco sobre o fenômeno das Redes Sociais, faz-se necessário uma conceituação daquilo que entendemos e/ou definimos como tal.

Entendemos como Rede Social todo *site* que nos permita adicionar amigos e/ou seguidores, compartilhar, com eles, fotos e informações pessoais possibilitando, assim, um contato direto e imediato entre duas ou mais pessoas através de seus perfis, ou seja, por meio de uma página pessoal em que cada um mantém com os seus respectivos dados⁷ e compartilha entre os demais.

Nos *sites* de relacionamentos o compartilhamento de fotos consiste, também, em um espaço privilegiado para que as pessoas possam se comunicar e interagir com seus amigos. Em outras palavras, toda Rede Social consiste em um canal⁸ direto entre as pessoas, desconsiderando todo e qualquer tipo de espaço físico que possa existir entre elas. A comunicação em tempo real, oferecida pelas Redes Sociais, faz com que desapareçam as distâncias que, na maioria das vezes, geravam barreiras impedindo os relacionamentos⁹ de outrora.

Deste modo, as Redes Sociais passam a representar um conjunto de participantes autônomos, que unem suas ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Elas representam, também, uma nova maneira de se

⁷ Com a possibilidade de serem reais ou não, dependendo dos interesses pessoais de cada um.

⁸ Um canal virtual, não físico, pelo qual seus interlocutores se comunicam utilizando os meios virtuais disponibilizados por seus aparelhos, portáteis ou não.

⁹ Namoros e amizades.

interar e/ou fazer parte dos mais variados movimentos que possam surgir em meio à sociedade¹⁰. É composta por vários aplicativos que dão suporte e facilitam a comunicação entre os seus cadastrados que, numa parcela significativa, estão atentos aos principais acontecimentos e mudanças no que diz respeito ao cenário mundial.

Um de seus grandes diferenciais é, certamente, a peculiar característica de possibilitar a todos os membros que dela fazem parte, a possibilidade e o comodismo de desfrutar de todas as suas funções em um mínimo e curto espaço de tempo. É tudo muito rápido, ou seja, semelhante aos relacionamentos interpessoais que são cultivados numa sociedade líquido-moderna, tudo pode mudar imediatamente. Basta um *clique*.

Numa entrevista *online* – realizada por email - dada à revista ISTOÉ, em setembro de 2010, Zigmunt Bauman, desde sua residência, fala o que ele pensa a respeito das pessoas que se conectam ao mundo através da *internet* e que, graças à sua facilidade, atrai um grande número de gente. Questionado sobre a possibilidade de nos desconectarmos de nossa própria realidade, o autor comenta:

Os contatos online têm uma vantagem sobre os off-line: são mais fáceis e menos arriscados – o que muita gente acha atraente. Eles tornam mais fácil se conectar e desconectar. Caso as coisas fiquem “quentes” demais para o conforto, você pode simplesmente desligar, sem necessidade de explicações complexas, sem inventar desculpas, sem censura ou culpa. Atrás de seu laptop ou iPhone, com fones no ouvido, você pode se cortar fora dos confortos do mundo off-line. Mas não há almoço grátis, como diz o provérbio inglês: se você ganha algo, perde alguma coisa. Entre as coisas perdidas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança, as para o que der e vier, na saúde ou na tristeza, com outras pessoas. Relações cujos encantos você nunca conhecerá a menos que pratique. O problema é que, quanto mais você busca fugir dos inconvenientes da vida offline, maior será a tendência de se desconectar. (BAUMAN, 2010).

Noutra de suas entrevistas, quando questionado acerca da fragilidade dos laços humanos, assim como a respeito dos relacionamentos virtuais, que marcam a liquidez dos tempos hodiernos, Bauman esclarece a diferença entre aquilo que ele entende e define por *Rede* e *Comunidade*.

Qual é a diferença entre Comunidade e Rede? A Comunidade precede você, você nasce numa Comunidade. Por outro lado temos a Rede. O que é uma Rede? Ao contrário da Comunidade, a Rede é feita e mantida viva por

¹⁰ Líquido-moderna, segundo a concepção de Zigmunt Bauman.

duas atividades diferentes: uma é *conectar* e a outra é *desconectar*. Eu acho que a atratividade do novo tipo de amizade, o tipo de amizade do Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí, que é tão fácil de *desconectar*. É fácil *conectar*, fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de *desconectar*. (BAUMAN, 2011).

Antes desta modalidade de interação social surgir em nosso meio e se tornar popular entre seus usuários, o endereço eletrônico era, ainda, a principal ferramenta *online* de troca de informações entre os seus conhecidos. O *email*, que ainda hoje existe e é utilizado por muitos, traz algumas limitações para a comunicação entre as pessoas, já que apenas aqueles que sabem o seu endereço pessoal é que podem entrar em contato com você por meio dele, ou seja, a sua função principal é a de se substituir o antigo modo de correspondência entre cartas, que tinha como principais elementos a caneta e o papel.

O aparecimento das Redes Sociais, que teve como pioneiro, aqui no Brasil, o *Orkut* e que hoje muitos o substituíram pelo *Facebook*, proporcionou uma mudança geral em nosso contexto social. Antes era impossível comunicar-se com pessoas que mantivessem os seus endereços de *email* desconhecidos, era completamente impossível localizar pessoas apenas por seus nomes e acessar suas fotos, seus dados assim como descobrir os seus gostos pessoais.

Com a sua popularização foram descobertas outras utilidades disponíveis no sistema, a possibilidade de reencontrar pessoas queridas há muito tempo separadas e o mais importante: conhecer outras dezenas de pessoas, cujos interesses são comuns e adicioná-las a uma lista denominada de “amigos”.

Para Zigmunt Bauman, os amigos do Facebook não são iguais aos amigos da vida concreta, com os quais mantemos relacionamento de forma direta e, com os quais, criamos laços. Podemos considerar esta afirmação como sendo válida para todos os contatos dos tempos atuais? Estão, realmente, os laços fraternos totalmente fragilizados na sociedade líquido-moderna a ponto de afirmarmos que não existam mais verdadeiras amizades? Na tentativa responder a tais questionamentos, faremos uma reflexão acerca do conceito de Amizade abordando a vida e o pensamento daquele que é considerado um dos maiores expoentes do pensamento ocidental e que, através de sua própria existência, refletiu sobre a temática da amizade: Santo Agostinho.

3 A AMIZADE NA VIDA E NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO

3.1 AGOSTINHO, UMA BREVE BIOGRAFIA

Agostinho nasceu em Tagaste¹¹, no dia 13 de novembro de 354. Filho de Patrício, pagão que só viria a ser batizado – graças aos esforços de sua esposa – na hora da morte, e de Mônica, mulher extremamente cristã e modelo de esposa exemplar. Teve dois irmãos, uma concubina¹², um filho¹³ e muitos amigos.

No auge de sua adolescência, é assaltado pelas paixões mundanas daquela época, agradando a si mesmo e buscando ser agradável, também, aos outros. Conforme nos confessa: “Desde a adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em coisas baixas, ousando entregar-me como animal a vários e tenebrosos amores!” (AGOSTINHO, 2002, p. 49).

Quando sua idade contava por volta dos quinze anos, após concluir seus primeiros estudos, e graças à ajuda de Romaniano¹⁴, Agostinho deixa sua cidade natal e se muda para Cartago¹⁵. É nesta nova cidade que ele, além de dar continuidade à sua vida de estudante, começa a frequentar os teatros, *os prazeres*, conhecendo ali uma mulher com a qual deu início a um relacionamento amoroso. Naquela época havia o costume do concubinato, que era normalizado por lei. Desde então passaria a viver com ela seus próximos treze anos, mesmo contra a vontade de sua mãe, Mônica.

Ainda em Cartago, começa a estudar retórica¹⁶ e torna-se professor de gramática. É ali que Agostinho tem contato com o Hortensius, de Cícero, obra responsável por despertar em si o amor à Filosofia, levando-o a tornar-se, posteriormente, um dos maiores expoentes na história do pensamento ocidental.

Em 373 torna-se adepto do maniqueísmo¹⁷, seita que lhe oferece, através de uma explicação puramente racional do mundo, uma justificação para a existência do mal. Ao mesmo tempo sua mãe, ainda que em vão, se esforça o máximo possível

¹¹ Hoje, Argélia, África do Norte.

¹² Nas *Confissões*, Agostinho afirma ter vivido alguns anos ao lado de uma mulher cujo nome nunca revelou. Esta mulher foi a mãe de seu único filho, que faleceu quando ainda era adolescente.

¹³ Adeodato, que significa “dado por Deus”.

¹⁴ Um jovem rico que, posteriormente, se tornaria um de seus grandes amigos.

¹⁵ Naquela época, a maior cidade da África e a segunda mais importante do Ocidente latino.

¹⁶ A arte de falar bem.

¹⁷ Doutrina que afirma a existência do bem e do mal como dois princípios eternos e opostos.

para lhe dar uma educação cristã, tentando afastá-lo, assim, das armadilhas deste mundo.

Em 383, em busca de lucro, prestígio e melhores alunos, Agostinho parte para Roma. Lá consegue um emprego que muitos desejariam ter: é convidado a assumir a cátedra municipal de retórica em Milão, passando a ser o orador oficial daquela população. Ali ele tinha tudo para conseguir o sucesso e o prestígio que tanto almejava.

Foi depois de um período de quase dez anos vivendo como maniqueu, que algumas decepções começaram a surgir com relação àquelas doutrinas, deixando-o insatisfeito com seus grandes questionamentos. Daí em diante Agostinho passa a se interessar pelas palavras do bispo Ambrósio¹⁸.

A leitura dos platônicos¹⁹ o liberta de uma antiga concepção materialista que tinha de Deus assim como o inicia em uma reflexão do espírito sobre si mesmo. Este encontro com a filosofia platônica o influenciou muito em seu pensamento. Hoje em dia alguns defendem a teoria de que Agostinho somente pegou a filosofia de Platão e a “cristianizou”, esta seria, então, a única diferença entre os dois grandes pensadores. Enquanto outros defendem que não.

Nos tempos em que Agostinho já somava os seus mais de trinta anos, eis que um fato grandioso acontece em sua vida: converte-se ao cristianismo, como tanto antes desejara sua mãe. Este acontecimento reorientará definitivamente a sua vida.

Um ano após sua conversão, em 387, é batizado pelo bispo Ambrósio junto de seu filho Adeodato e de um grande amigo, Alípio.

Quando chegou o momento em que devia dar meu nome para o batismo, deixando o campo, voltamos para Milão. Quis também Alípio renascer em ti, juntamente comigo, já revestido da humildade tão de acordo com os teus mistérios, e senhor absoluto de seu corpo, a ponto de caminhar descalço, com rara coragem, sobre o enregelado solo da Itália. Juntamos também a nós Adeodato, filho do meu pecado, a quem tinhas dotado de grandes qualidades. (AGOSTINHO, 2002, p. 246).

Depois de ser batizado, Agostinho resolve voltar à África para viver retirado em Tagaste, sua terra natal. É neste trajeto que perde sua mãe, na cidade de Óstia, como nos relata no nono livro de suas *Confissões*:

¹⁸ Uma das figuras responsáveis pelo seu processo de conversão à vida cristã.

¹⁹ Porfírio, e uma parte das Enéadas de Plotino.

Não lembro bem o que foi que lhe respondi. Passados, porém, cinco dias ou pouco mais, ela caiu de cama com febre. Durante a doença, perdeu os sentidos, por alguns instantes não reconhecia os presentes. (...) A moléstia agravava-se e a fazia sofrer. (...) Pelo nono dia de doença, aos cinquenta e seis anos de idade, quando eu tinha trinta e três, essa alma fiel e piedosa libertou-se do corpo. (AGOSTINHO, 2002, p. 257).

Em 391 é aclamado pelo povo para a ordenação sacerdotal e, cinco anos mais tarde, é eleito bispo para a diocese de Hipona²⁰.

Agostinho nos deixou um extenso acervo literário do qual nos fala em suas *Retratações*²¹ ter escrito, até 427, 232 livros, assim como numerosas cartas e sermões, por vezes bem extensos. De todas estas obras, não resistindo ao tempo, algumas delas se perderam.

“Agostinho viveu para ver a violência destruir o trabalho de sua vida inteira na África.” (BROWN, 2008, p. 531).

Cristão convertido, nunca se cansou de defender a sua fé. Morreu recitando os salmos penitenciais no dia 28 de Agosto de 430, aos setenta e seis anos de idade, aquele que é considerado um dos maiores e mais influentes padres da Igreja. “Seu pensamento é comparável a uma esfera, sendo suficiente partir de um ponto qualquer da superfície para atingirmos o seu centro.” (Informação verbal).²²

Sua obra mais conhecida, as *Confissões*, foi escrita por volta do ano 397, ou seja, pouco tempo depois de se tornar bispo na África e, mesmo depois de tantos séculos, ainda se mantém atualíssima. Ela é não somente uma narração autobiográfica como também um grande espelho que reflete a alma perturbada e inquieta que carregava o jovem Agostinho.

É nesta obra escrita com densas palavras, cheia de citações das Escrituras por ele meditadas e de um grande acervo de reflexões filosóficas que Agostinho descreve, utilizando sua vida como exemplo maior, a sensibilidade e os problemas da existência humana, “e suas *Confissões* não poderiam ter transmitido isso a seus amigos com maior encanto e persuasão nem com determinação mais incontestável, na medida em que não se dirigiam a um público humano, e sim a Deus”. (BROWN, 2008, p. 200).

²⁰ Cidade da África romana, hoje Anaba, na costa da Argélia.

²¹ Obra na qual faz uma revisão dos seus escritos anteriores.

²² Informação extraída de um minicurso ministrado na Faculdade Jesuíta (FAJE) sobre o pensamento de Santo Agostinho no dia 02 de setembro de 2012, em Belo Horizonte.

A talentosa escritura e o respeitável domínio da retórica explicam o sucesso durável da obra que resistiu a anos e anos chegando intacta até os nossos tempos.

3.2 A GÊNESE DA AMIZADE NO SEIO FAMILIAR

Para uma melhor reflexão do conceito de Amizade na vida e na obra de Santo Agostinho se faz necessário, antes de tudo, refletirmos sobre o que ele viveu e pensou no que diz respeito ao tema, já que em seu tempo pôde vivenciar a amizade de diversas maneiras: “a amizade ‘inimiga’ que conduz ao mal; a amizade ‘puramente humana’, que se desespera diante da morte; e, por último, uma amizade ‘cristã’ que, segundo ele, dura para sempre.” (VIÑAS, 1982, p. 33, tradução nossa).

Agostinho foi fortemente influenciado por sua família – principalmente por sua mãe – já que nenhum outro tipo de experiência pode definir tanto a vida e o modo de ser de uma pessoa como a primeira educação vivenciada no ambiente familiar.

Sua família era semelhante às outras que habitavam aquelas regiões, porém com um grande diferencial: ter Mônica como modelo de mãe e de esposa exemplar.

A amizade com seu pai não nos parece ter sido vivida intensamente, já que dele faz pouquíssimas referências no transcorrer de suas *Confissões*, talvez por este haver falecido ainda durante a juventude de seu filho. Sabemos, porém, que o grande mérito de Patrício foi não ter medido esforços para fazer daquele menino o homem sábio e intelectual que todos conhecem hoje.

De seus dois irmãos sabemos muito pouco. De sua irmã temos apenas uma breve referência feita por Possídio, que foi amigo e primeiro biógrafo de Santo Agostinho. Seu irmão aparece nos diálogos de Cassiciaco como participante das discussões ali abordadas. A falta de maiores escritos que demonstrem a relação de amizade com seus irmãos não a torna inexistente, considerando que Agostinho viveu parte de sua adolescência e juventude fora de Tagaste dedicando-se aos estudos. Por isso, podemos imaginá-lo partilhando suas experiências fora de casa nas tantas vezes que visitou sua terra nos tempos de estudante.

Outras figuras importantes que se ligaram à vida de Agostinho foram a jovem com a qual viveu por um longo período como se fossem casados e Adeodato, fruto desta união. Apesar de ignorarmos o nome daquela mulher, percebemos nas palavras de Agostinho o tamanho do amor que sentia por ela e o quanto sofreu quando chegou o momento de sua separação.

Quando de mim foi arrebatada a mulher com quem vivia, considerada impedimento ao meu casamento, meu coração, que lhe era afeioadíssimo, ficou profundamente ferido e sangrou por muito tempo. Ela voltou para a África fazendo a ti o voto de jamais pertencer a outro homem e deixando para mim o filho que me havia dado. (AGOSTINHO, 2002, p. 167).

“Essa mulher viveu com Agostinho até 385, ano em que ele a dispensou ao ficar noivo de uma jovem herdeira.” (BROWN, 2008, p. 76).

Adeodato foi, para Agostinho, um amigo do qual ele costumava chamar de “filho do meu pecado.” (AGOSTINHO, 2002, p. 246).

Foi em Cassiciaco, na companhia de amigos e vivendo momentos de fraterna intimidade, que Agostinho compôs mais uma de suas grandes obras onde percebemos, também, a presença marcante de seu filho: o diálogo *De Magistro*.

3.3 A AMIZADE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A temática da amizade vem sendo retratada desde os tempos mais longínquos dos quais temos conhecimento. Podemos perceber a veracidade desta afirmação por meio de alguns personagens da mitologia grega como nos mostram as aventuras de Aquiles e Pátroclo que através das epopeias²³ de Homero²⁴, do teatro e de outras manifestações artísticas, se eternizaram na história como modelos de perfeita amizade. Todavia, na história do pensamento grego são dois grandes nomes que se destacam em se tratando de amizade, são eles, Aristóteles e Platão.

Devido à dificuldade com a língua grega, Agostinho serviu-se das traduções latinas, como nos relata em algumas passagens de suas *Confissões*. Entre as obras que circulavam naquela época, estavam presentes algumas de Cícero, o melhor teórico latino no tema da amizade, pelo qual Agostinho se apaixonou imediatamente.

Assim como Aristóteles, Cícero afirma que a *verdadeira amizade* só poderá existir entre os homens de bem, já que esta está fundada na virtude. Considerada como um dom especial dos deuses, a amizade é, para Cícero, um dos maiores tesouros que possuímos, sem o qual a vida perderia todo o encanto, deixando de ter sentido o simples ato de existir.

²³ Poemas épicos.

²⁴ Poeta épico da Grécia Antiga ao qual se atribuem a autoria dos poemas *Ilíada* e *Odisséia*.

3.4 OS PRINCIPAIS AMIGOS DE AGOSTINHO

“Agostinho nunca estaria só. Ao voltar para Tagaste, formou um núcleo de amizades duradouras.” (BROWN, 2008, p. 75). São tantas as referências feitas a seus amigos no decorrer dos nove livros de suas *Confissões* que, praticamente, podemos afirmar que sua história não seria a mesma se contada sem a presença deles. Porém, apesar das *Confissões* ser uma obra referencial para o estudo da relação entre Agostinho e seus amigos, esta não é a única fonte de pesquisa, já que nos *Diálogos* de Cassissíaco, assim como em outras obras, é clara a presença de seus amigos como interlocutores ou destinatários de tais escritos.

Já no primeiro livro das *Confissões*, fazendo memória de seus primeiros pecados, podemos perceber algumas referências feitas aos seus amigos de infância. E, ainda neste livro, o vemos se autodefinindo como um menino que, dentre tantas outras características era, também, “sensível à amizade” (AGOSTINHO, 2002, p. 46).

Seus amigos foram pessoas de grande importância para a construção de sua personalidade, como o próprio nos confessa. Esteve acompanhado deles em vários momentos, vivendo grandes e pequenas aventuras. Uma delas, contada com riqueza de detalhes no segundo livro das *Confissões*, foi o famoso roubo das peras onde, sem a companhia de terceiros, Agostinho não teria gosto, nem vontade, de fazer aquilo que fez.

3.4.1 O “amigo anônimo” de Tagaste

De todas as amizades cultivadas por Agostinho nos tempos de escola, uma delas, relatada no quarto livro das *Confissões*, se tornaria tão profunda e intensa que ele a consideraria, posteriormente, como se fosse uma parte de si. Deste amigo nunca soubemos seu legítimo nome, apenas temos a certeza de que sua morte prematura foi causa de uma imensa dor no coração e na alma do jovem de Tagaste. Sobre aquela amizade tão querida, Agostinho nos confessa:

Na época em que começava a ensinar na cidade em que nasci, travei relações com um amigo que, tendo os mesmos interesses de estudo, veio a ser muito querido. Era da minha idade e estava, como eu na flor da juventude. Crescemos juntos desde meninos, fomos colegas de escola e de folguedos; (...) Todavia, essa amizade, amadurecida ao calor dos mesmos

interesses, era para mim cheia de suavidades. Eu o desviara da verdadeira fé que ele, ainda jovem, professava um tanto superficialmente, e o arrastara para as superstições falsas e perniciosas que tantas lágrimas por minha causa custaram a minha mãe. Suas ideias, como as minhas, incidiam no erro, e eu não podia passar sem ele. (AGOSTINHO, 2002, p. 94).

O que esta amizade representou na vida do jovem Agostinho, percebemos em suas palavras ao relatar a árdua tarefa de enfrentar um dos momentos mais difíceis na vida de qualquer ser humano: o adeus imposto pela morte.

Quando havia passado pouco menos de um ano daquela amizade viera a falecer então aquele jovem que, segundo Agostinho, teria com ele experimentado viver a mais doce suavidade de sua vida.²⁵

O sofrimento encheu-me de trevas o coração, e eu não via senão a morte em toda parte. A pátria tornou-se para mim tormento; a casa paterna, motivo incrível de infelicidade. E tudo o que tivera em comum com ele, agora sem ele, transformava-se em sofrimento ilimitado. Meus olhos o procuravam por toda a parte sem encontrá-lo; eu odiava o mundo inteiro, aborrecia-me porque o amigo não mais existia, e ninguém podia dizer-me: 'Aí vem ele', como, quando em vida, se ausentava por algum tempo. Tornei-me um grande problema para mim mesmo e perguntava à minha alma por que estava tão triste e angustiado, mas não tinha resposta. Se eu lhe dizia: 'Confia em Deus!', ela não me obedecia, e com razão, pois a pessoa queridíssima que havia perdido era mais real que o fantasma no qual eu pedia que ela esperasse. Somente as lágrimas me eram doces e substituíam o amigo no conforto do meu espírito. (AGOSTINHO, 2002, p. 95).

Podemos perceber o quão foi importante a companhia daquele jovem na vida de Agostinho pelos simples fato de que, mesmo tantos anos após aquele acontecimento, ele pôde ainda transcrever com tamanha riqueza de detalhes o que sentira por aquela que, mesmo não sendo uma *verdadeira amizade*²⁶, só o tempo pôde aliviar a ferida por sua morte causada.

3.4.2 Os amigos de Cartago

Depois do triste acontecimento, que foi a morte do amigo de Tagaste, Agostinho se percebe cercado de tristes recordações e considera impossível continuar vivendo naquele lugar onde tudo lhe fazia lembrar aquele que tanto amara.

²⁵ *Confissões* IV, 4,7.

²⁶ Por lhe faltar ainda os elementos da fé cristã.

Foi por esta ocasião que Agostinho, fugindo da dor, decide mudar de ambiente, conforme ele próprio nos confessa: “No entanto, fugi da pátria: os olhos procurariam menos o amigo nos lugares em que não costumavam vê-lo, e, assim, de Tagaste, vim para Cartago.” (AGOSTINHO, 2002, p. 99).

Segundo Agostinho, só o tempo foi capaz de cicatrizar aquela ferida e, como ele próprio nos fala, o que mais contribuiu para que isso acontecesse foram os momentos que teve acompanhado de numerosos e excelentes amigos, onde sua alma, com a de muitos, se tornavam uma só.

Dos amigos de Cartago, Agostinho cita o nome de dois, são eles Vindiciano e Firmino, os quais lhes dedicaria, anos depois, algumas páginas das *Confissões* descrevendo suas contribuições para que ele deixasse de lado seu interesse pela astrologia, coisa que demonstrou estar muito apegado desde o momento em que chegara àquela cidade. Vindiciano foi, também, uma das pessoas mais importantes dentre as numerosas amizades que teve Agostinho ao longo de toda sua vida.

Ora, vivia nesse tempo um homem sagaz, ótimo e famoso médico. (...) Quando ele (Vindiciano) soube pelas minhas conversas, que eu me dedicava ao estudo dos livros de horóscopo, com paternal bondade me aconselhou a lançá-los fora e não despender em coisas vãs o tempo e o trabalho necessários a coisas mais úteis. (AGOSTINHO, 2002, p. 92).

Referindo-se às orientações e conselhos dados por Vindiciano para que largasse de vez tais práticas e que, a princípio, pouco adiantou, Agostinho se confessa a Deus com as seguintes palavras: “Esse aviso, eu o recebi deste homem, ou melhor, de ti, por intermédio deste homem, e me abençoaste na mente as linhas de um pensamento que eu deveria desenvolver mais tarde por conta própria.” (AGOSTINHO, 2002, p. 93).

Ainda que, de início, Agostinho tenha se oposto às palavras do *velho sábio Vindiciano*,²⁷ o mesmo assunto viria à tona através de Firmino, um dos seus amigos presentes em Cartago. Sobre este jovem amigo Agostinho relata a seguinte passagem:

Tu me fizeste encontrar um amigo que frequentemente consultava os astrólogos, sem, no entanto, conhecer-lhes a doutrina; agradava-lhe simplesmente consultá-los. E, no entanto sabia de um episódio que ele dizia narrado pelo pai, e cujo valor para destruir a fé nessa arte ele não percebia. Esse amigo chamava-se Firmino. Educado nas disciplinas liberais, era

²⁷ Confissões, VII, 6, 8.

dotado de eloquência. Sendo eu o seu melhor amigo, consultou-me um dia sobre certos interesses em que depositava grandes esperanças mundanas, pedindo-me o parecer sobre as suas ‘constelações’. Eu, que começava então a pender para a opinião de Nebrídio, ainda que não me negasse a fazer alguma conjectura e a manifestar os prognósticos que me vinham à mente já hesitante, acrescentei que seu pai se interessava muito pelos livros de astrologia, acrescentei que estava quase persuadido da ridícula inutilidade de tais práticas. (AGOSTINHO, 2002, p. 181).

Algumas das maneiras de se pensar e de se viver a amizade foram, antes, refletidos em Cassiciaco para serem vivenciados, posteriormente, em sua cidade natal.

3.4.3 Alípio

Bem próximo de Agostinho, no município de Tagaste, vivia Alípio. Era um pouco mais jovem que ele e, talvez por causa das diferentes classes sociais de suas famílias, é bem provável que não tenham crescido juntos. Esta amizade surge durante as aulas de retórica ministradas pelo jovem Agostinho, sendo Alípio um de seus alunos ali matriculados. Sobre aquela amizade, escreve Agostinho: “Ele me estimava muito, porque eu parecia bom e sábio, e também eu lhe queria bem, porque ele demonstrava forte inclinação para a virtude em tão tenra idade.” (AGOSTINHO, 2002, p. 154).

Quando Agostinho partiu de Tagaste para Cartago, fugindo da dor e da tristeza causada pela morte de seu “amigo anônimo”, seguia junto dele a pessoa de Alípio que, mesmo contra a vontade do pai, que antes havia se desentendido com Agostinho (chegando a proibir o próprio filho de assistir suas aulas de retórica), nunca deixaram de serem amigos.

Alípio era apaixonado pelos espetáculos circenses, o que deixava Agostinho preocupado, pois não via aquilo como sendo algo bom para ele mesmo que, a princípio, não quisesse intervir na vida de seu amigo. Foi durante uma de suas aulas que Agostinho tratou de dar sua opinião com relação aos números de circo. Quando, naquele momento, Alípio chegou na sala e sentou entre os demais alunos, sentiu que as palavras de Agostinho se direcionavam ao seu coração. Referindo-se a este momento, Agostinho escreve no sexto livro das *Confissões*:

Ele, porém, caiu em si, e pensou que aquelas palavras eram dirigidas para ele. (...) Realmente, depois daquelas palavras, Alípio fugiu do abismo

profundo onde se precipitava com prazer e onde se deixava cegar com incrível volúpia. Sucudiu sua alma com firme resolução e livrou-se de toda a lama dos circos, onde nunca mais colocou os pés. (AGOSTINHO, 2002, p. 155).

Tamanha era a amizade entre os dois que Alípio, depois de alguns anos estudando Direito em Roma, encontra-se ali com Agostinho e decide segui-lo quando este é convidado para assumir a cátedra de retórica em Milão. A decisão de mudança de cidade não é tomada apenas com a pretensão de seguir seu amigo, mas também para ali terminar seus estudos, assim como, exercitar também aquilo que já havia aprendido. Porém, passado algum tempo, renuncia a carreira que antes almejava para, a partir daquele momento, dar início a uma vida consagrada junto de seu amigo.

A conversão de Alípio eleva a um nível superior sua amizade com Agostinho, uma vez que daí em diante passa a ter suas raízes em uma iniciativa divina²⁸. “y así, por primera vez, se dieron cuenta de que eran amigos en el verdadero sentido de la palabra.” (VIÑAS, 1982, p. 66).

Esta nueva dimensión de la amistad tuvieron la oportunidad de vivirla de inmediato en la quinta de Casiciaco, adonde se retiraron para prepararse conjuntamente para el bautismo. Allí compartieron una vida de estudio, oración y diálogo; una vida que les hizo estrechar más aún los ya fuertes lazos de intimidad. Los *Diálogos* son prodigios de pasajes que nos hablan vibrantemente de todo ello. Alipio tomará parte muy importante en dos de ellos: *Contra academicos* y *De ordine*. (VIÑAS, 1982, p. 66).

3.4.4 Nebrídio

Assim como Alípio, houve, também, outros alunos que, com o passar dos tempos, se tornariam pessoas próximas de Agostinho. Esse foi, também, o caso de Nebrídio, que possuía muitas ideias em comum às de seu professor levando-os a uma grande amizade. Seus sentimentos eram tamanhos que este foi capaz de deixar os pais para seguir seu amigo e mestre “unicamente para viver comigo (Agostinho) na busca apaixonada da verdade e da sabedoria.” (AGOSTINHO, 2002, p.161).

²⁸ Em Deus.

Já em Milão, é provável que ambos tenham compartilhado a mesma casa. Ali faziam alguns trabalhos, muitos pelo cultivo da amizade entre ambos. Certo dia Agostinho foi solicitado por Verecundo, amigo de ambos, que pediu ao mesmo uma ajuda para com sua docência, imediatamente Nebrídio fora indicado para o desempenho de tal tarefa.

Foi este compromisso assumido pelo cultivo da amizade que manteve seu amigo ausente dos dias de retiro em Cassiciaco, como nota-se em algumas cartas escritas naqueles dias.

Tendo Agostinho voltado para Tagaste, Nebrídio volta, também para Cartago onde, convertido à fé cristã, passa a viver com sua família. Porém, mesmo separados pela vontade de sua mãe, Nebrídio busca manter contatos por cartas que nos mostram o quão penoso era, para ambos, viverem separados.

A morte de Nebrídio foi motivo de profunda tristeza para o jovem Agostinho já que nenhum de seus outros amigos se aproximaram tanto dele em seu nível de intelectualidade. Anos mais tarde ao escrever as *Confissões* Agostinho recordará com carinho daquele amigo que, ausente deste mundo, acredita estar gozando da vida eterna. Passamos às suas palavras:

(...) aí vive o meu Nebrídio, meu doce amigo, teu filho adotivo, e já liberto, Senhor. Aí está ele vivo, pois que outro lugar poderia acolher semelhante alma? Vive no lugar do qual me pedia tantas notícias, a mim pobre homem que nada sabia. Agora já não presta ouvidos à minha boca, e sim leva sua boca espiritual à tua fonte, e bebe a tua sabedoria o mais que lhe é possível, em proporção com a sua avidez e numa felicidade sem fim. Não creio, porém, que se embriague a ponto de esquecer-me, enquanto tu, que és o Senhor que o sacia, não te esqueces de nós. (AGOSTINHO, 2002, p. 239).

3.4.5 Romaniano

Agostinho esbanjava simpatia, era muito carismático e, por isso, por onde quer que passasse, arrebatava para si, sem maiores dificuldades, uma legião de amigos. Em seu traslado à Milão o seguia um grupo de amigos dos quais alguns eram conterrâneos seus, enquanto outros apenas ex-alunos de suas aulas de retórica em Cartago. Sobre aquele grupo de amigos nos confessa o bispo de Hipona: “sem eles não poderia ser feliz (...) eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam desinteressadamente.” (AGOSTINHO, 2002, p. 169).

Dentre aqueles se encontrava Romaniano, pessoa importantíssima no desenrolar da vida de Agostinho. Entre os dois havia algumas diferenças, principalmente em se tratando da idade e do posicionamento econômico-social.

Agostinho era ainda muito jovem quando Romaniano se mostrou solidário com ele, a ponto de manter seus estudos em Cartago. É no *Contra os Acadêmicos* que, com imenso carinho e gratidão, Agostinho recorda a importância que teve aquele amigo em sua vida:

Quando, pobre adolescente, fui estudar em outra cidade, acolheste-me em tua casa, às tuas custas, e o que é mais, no teu coração. Quando perdi meu pai, consolaste-me com a tua amizade, animaste-me com os teus conselhos, ajudaste-me com os teus recursos (...) tu, o que havias protegido o berço e, se assim posso dizer, o ninho dos meus estudos, sustentastes também os meus primeiros esforços, quando quis começar a voar sozinho. (AGOSTINHO, 2008, p. 71).

A conversão de Agostinho, porém, viria a abalar aquela amizade já que nem todos os seus amigos se tornaram adeptos à fé cristã. Agostinho não mediu esforços para trazer aquele amigo ao cristianismo. Todas as tentativas foram em vão já que Romaniano se negava deixar a sua vida maniqueia da qual o próprio Agostinho o havia, antes, conquistado com suas belas palavras.

4 A AMIZADE POR SANTO AGOSTINHO

Passados alguns anos após o tempo de sua conversão à fé cristã, Agostinho toma a decisão de confessar-se diante de Deus a todo o gênero humano²⁹ e ousa discorrer sobre um tema já minuciosamente destrinchado em Filosofia por aquele que teve uma das mentes mais respeitadas dentre os gregos antigos, a saber, Aristóteles³⁰. Agostinho discorre sobre a amizade. Todavia, diferente do filósofo antigo, um diferencial passou a distinguir a percepção que Agostinho tinha de amizade: a concepção cristã de Deus. Nessa linha de pensamento, o bispo de Hipona passa a considerar como *verdadeira amizade* somente aquela que esteja com seus alicerces fundados em Deus através do “amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (AGOSTINHO, 2002, p. 94).

Até aqui, conhecemos o mundo amigo e familiar de Agostinho fazendo, por meio dele, uma análise da amizade em suas principais experiências por ele vivenciadas e retratadas no decorrer de suas *Confissões* que, como havíamos comentado antes, sobreviveu às provações do tempo e chegou, assim, em perfeitas condições até dias de hoje.

Sabemos que a amizade é, para Agostinho, uma das maiores qualidades da vida do homem e isto podemos perceber através de suas próprias experiências, onde demonstra, com riqueza de detalhes, o real valor que esta possui para a toda a existência humana. A concepção de amizade em Agostinho, a princípio, recebe a influência dos clássicos latinos, principalmente na pessoa de Cícero, do qual comentamos no capítulo anterior.

É naquelas obras que Agostinho se depara com algumas definições, “y como definición ideal allí está la del gran orador romano, que él hará suya de modo especial: ‘la amistad no es sino el perfecto acuerdo en las cosas divinas y humanas con *benevolencia y caridad*.’” (VIÑAS, 1982, p. 88).

Foram nestes ideais que Agostinho experimentou a “amizade inimiga”³¹ como ele próprio nos demonstra, se lamentando por isso, nas últimas páginas do segundo livro de suas *Confissões*: “Oh amizade tão inimiga! Oh, sedução misteriosa da mente, vontade de fazer o mal por brincadeira ou diversão, gracejo, prazer de lesar os outros sem vantagem pessoal ou sede de vingança.” (AGOSTINHO, 2002, p. 62).

²⁹ Confissões, II, 3, 5.

³⁰ Aristóteles escreve sobre a amizade em sua obra *Ética a Nicômaco*.

³¹ VIÑAS, 1982, p. 33, tradução nossa.

4.1 ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Já sabemos que Agostinho não dedicou nenhuma de suas obras para um estudo mais aprofundado do tema da amizade, que lhe era tão caro. Por outro lado, no entanto, percebemos o quanto ele se refere ao tema no decorrer de seus escritos seja em livros e cartas, seja em diálogos e comentários ou sermões, podemos afirmar que o tema da amizade esteve sempre presente na vida e na obra de Santo Agostinho.

A literatura agostiniana possui um vasto e rico vocabulário, do qual alguns termos merecem nossa especial atenção para uma reflexão mais bem elaborada do tema. *Amor, dilectio, amicitia, vera amicitia, amor amicitiae, concordia, benevolentia, caritas, anima una, cor unum, habitare in unum, habitare unanimes*, são alguns dos vocábulos que merecem maior atenção para o bom desenvolvimento deste trabalho, e assim o faremos a seguir.

4.1.1 Amor

O *Amor*, em Agostinho, aparece em diferentes ocasiões podendo ser aplicado, também, para definir o afeto desordenado entre coisas e pessoas que é a principal causa da construção equivocada da cidade terrena, como ele próprio nos afirma no décimo quarto livro de *A Cidade de Deus*:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência. (AGOSTINHO, 2010, p.165).

Existe também um amor ordenado, um amor verdadeiro que tem Deus como sendo o seu último fundamento. Para ser verdadeiro, segundo Agostinho, o amor tem que ser gratuito, ou seja, tem que ser um amor desinteressado. “Acoger este amor y otorgarle una respuesta en la misma línea de gratuidad es comenzar a amarse mutuamente con ‘amor de amistad’. Por eso mismo dirá San Agustín: ‘La amistad se fundamenta en el amor recíproco’”. (VIÑAS, 1982, p. 90).

4.1.2 Caritas

Não se atendo apenas a uma forma de expressar o amor a alguém que nos é querido, *caritas* aqui consiste, também, numa síntese entre o *eros* platônico e o *ágape* bíblico. A melhor definição de *caritas* vem da tradução do *ágape* grego que consiste no *Amor* de Deus por si, como nos fala o apóstolo João: “Deus *caritas* est”, “Deus é Amor”³².

Caritas pode ser também um termo usado para definir o amor benevolente ao próximo por Deus. Este amor do homem ao próximo por Deus é o mesmo que o cristianismo chama de virtude teologal da *caridade*, segundo a qual quando amamos alguém por meio desta, esse amor nos é dado por Deus.

Una *caritas* que tiene su mejor expresión en el *amor de amistad*, precisamente porque tiene origen en la misma *ágape* de Dios derramada por el Espíritu Santo en el corazón de los amigos. En otras palabras, aunque en relación al prójimo puede haber una *caritas* que no sea *amicitia*, nunca podrá darse una *vera amicitia* que no esté informada por la *caritas*. (VIÑAS, 1982, p. 92).

4.1.3 Amicitia – Vera Amicitia

Amicitia e *Vera Amicitia* são os termos que mais se aproximam, ou seja, que melhor definem as relações de amizade que Agostinho buscava viver com aqueles que o rodeavam assim como com os amigos ausentes que, de uma forma ou de outra, haviam feito parte de sua vida e que, para ele, eram tão caros.

Como comentado anteriormente, Agostinho conheceu, em seus próprios relacionamentos, a dimensão da amizade em diferentes aspectos. Nos primeiros anos esteve ligado a uma amizade *inimiga* a qual o mantivera preso no *ruidoso fervilhar dos amores ilícitos*³³ da juventude, cuja experiência se lamentaria tanto: “Assim, eu manchava as fontes da amizade com a sordidez da concupiscência e turbava a pureza delas com a espuma infernal das paixões.” (AGOSTINHO, 2002, p. 65); uma amizade *puramente humana* que viveu, de modo particular, com o amigo anônimo de Tagaste; e, por último, uma *vera amicitia*³⁴ que só existirá quando os

³² (1Jo 4, 8).

³³ Confissões III, 1, 1.

³⁴ Verdadeira amizade.

corações daqueles que se dizem amigos sejam, verdadeiramente, unidos em Deus por meio da caridade.

Ao analisar algumas amizades anteriores ao seu processo de conversão, Agostinho não as desqualifica pelas características típicas da humanidade que nelas estavam presentes. Aquelas amizades se diferenciavam das demais pelo fato de que elas estavam ausentes da presença do Deus verdadeiro ou por estarem, também, impregnadas de maus elementos que, por esse motivo, as deixaram corrompidas.

4.1.4 Benevolentia

Além de ser um sinônimo de *amicitia*, o termo *benevolentia* é, também, uma de suas principais características. Existe, também, “uma clara insistência, em Agostinho, para falar da *benevolentia* como um grau elevado de caridade e de amor.” (MARTINS, 2008, p. 218).

No *Contra os Acadêmicos* Agostinho utiliza o termo com a mesma linha de definição dada por Cícero, no *Laelius de amicitia*³⁵, quando assegura que “a amizade foi definida com muito acerto e santidade como ‘um consenso benévolo e caritativo sobre as coisas divinas e humanas’³⁶”. (AGOSTINHO, 2008. p. 113).

4.1.5 Consensio

Assim como Cícero, Agostinho defende este termo como sendo um tipo de acordo entre o homem e Deus, entre as coisas humanas e divinas, ou seja, em outras palavras, num artigo, presente na *Revista Portuguesa de Filosofia*, constatamos que “para existir amizade, será necessário a presença de uma comunhão de ideias acerca do mundo humano e divino.” (MARTINS, 2008. p. 213).

Mais adiante, ainda explorando a ideia da *consensio*, no mesmo artigo citado anteriormente, constatamos que ela “é tão necessária à amizade como à existência de um povo, que se organiza segundo as regras da justiça e da equidade. Por isso, a relação entre justiça e amizade passa, necessariamente, pela *consensio*.” (MARTINS, 2008. p. 214).

³⁵ Diálogo de Cícero que trata da Amizade como tema principal.

³⁶ CÍCERO, *laelius de amicitia*, VI, 20.

A definição de *consensio* é dada por Agostinho de forma clara em três das suas obras: no *De Musica*, no *De Continentia* e no *Contra Secundinum*. Nos três textos, a *consensio* adquire significados diferentes, apesar de subsistir a mesma ideia: a de uma concórdia, a de um consenso e, finalmente, a de uma estabilidade. (MARTINS, 2008. p. 214).

4.2 DEFINIÇÕES RELEVANTES DE AMIZADE

Como já sabemos, a veia da *amizade* ocupa um dos lugares centrais na vida e na obra de Santo Agostinho, sendo ele o autor principal de tudo aquilo que nos deixou escrito, por meio de suas próprias experiências, quando se fala desta, entre outras reflexões.

Ainda que não tenhamos alcançado nenhuma das obras que precederam o período de sua conversão, podemos nos assegurar, ainda assim, do quanto a dimensão da amizade foi importante para ele.

São nos diálogos de Cassiciaco, assim como nos primeiros escritos de sua vida monástica, obras que marcam uma fronteira entre os dois períodos de sua vida, que Agostinho nos apresenta suas principais ideias, entre estas, aquelas que definem, segundo ele, o que é e como viver uma *verdadeira amizade*.

4.2.1 Uma definição clássica de amizade

Dentre as principais definições dadas ao longo da história, dentre aquelas que permeiam os clássicos da literatura greco-latina, a mais aceita e considerada por Agostinho como sendo o sinal mais evidente da *verdadeira amizade* encontra-se no *Laelius* de Cícero, cuja citação podemos encontrar no livro terceiro de *Contra os Acadêmicos*, quando este diz que a amizade não é nada mais do que “um consenso benévolo e caritativo sobre as coisas divinas e humanas.” (AGOSTINHO, 2008, p. 113).

É no *Contra os Acadêmicos*, obra dedicada a seu amigo Romaniano que, numa discussão a respeito da *verdade*, Alípio afirma, demonstrando ter segurança no que diz, que é necessária e imprescindível a ajuda de uma divindade para se chegar ao seu conhecimento. Este diálogo desencadeará, conseqüentemente, a seguinte afirmação:

Meu amigo mais íntimo concorda comigo não só no que há de provável na vida humana, mas também na própria religião, o que é o sinal mais evidente da verdadeira amizade. Com efeito, a amizade foi definida com muito acerto e santidade como, “um consenso benévolo e caritativo sobre as coisas divinas e humanas.” (AGOSTINHO, 2008, p. 112).

Recém-convertido, Agostinho toma como sua esta definição, pois era, através dela, certamente, que ele podia expressar com clareza e sinceridade tudo aquilo que pensava e vivia acerca da amizade, naqueles momentos.

Por meio da amizade que os unia, Agostinho buscava sempre estar no meio daqueles, que os tinham como amigo, e, por isso, comungava dos mesmos ideais que eles. Ele, com suas próprias palavras, nos relata esta passagem nas primeiras páginas do quarto livro de suas *Confissões* quando afirma: “eu tinha as mesmas opiniões e as praticara, com meus amigos, enganando a eles e a mim mesmo.” (AGOSTINHO, 2002, p. 89).

Pero la clásica definición adquiere su más profunda densidad, utilizada por Agustín, a partir de este momento, ya que, si el acuerdo entre las cosas humanas podía correr parejo a lo que pedía el filósofo romano, el acuerdo en el campo religioso adquiriría un sentido totalmente nuevo por causa del Dios verdadero, a quien Agustín acaba de encontrar en el cristianismo. Es más, la definición de Cicerón sólo adquiere auténtica densidad y consistencia cuando es verdadero el Dios que está detrás de “las cosas divinas”. (VIÑAS, 1982, p. 106).

4.2.2 Outras formas igualmente válidas, adotadas por Agostinho, para a definição de amizade

Outras definições clássicas de amizade, tomadas por Agostinho como suas, podem ser autenticamente consideradas como válidas para um maior estudo e aprofundamento do tema em questão. Faremos referência, aqui, a algumas das principais citações entre aquelas que mais se identificam com ele e que são por ele consideradas mais próximas da concepção cristã que, segundo ele, é a mais válida em se tratando de uma *verdadeira amizade*. São elas:

A amizade que vem do amor – Esta definição Agostinho a toma de Cícero. “Amor enim, ex quo amicitia nominata est, princeps est ad benevolentiam coniungendam”, escrita no *Laelius*. Agostinho completa este pensamento (...), porém mantém a mesma perspectiva de que a amizade consiste no amor mútuo. (VIÑAS, 1982, p. 109. tradução nossa).

Semelhança nos costumes – São amigos aqueles que têm os mesmos sentimentos e vivem igualmente uma vida virtuosa³⁷. Fiel a este pensamento, Agostinho nos dirá que a amizade de uma alma com as outras se fundamenta entre as semelhanças de seus costumes. (VIÑAS, 1982, p. 109. tradução nossa).

O amigo como um outro eu – Essa ideia é comum no pensamento clássico. Segundo Cícero, Pitágoras teria sido o primeiro a definir um amigo como tal. Em Agostinho, encontramos várias vezes a mesma expressão em suas cartas, quando este se dirige a alguns de seus amigos mais íntimos. Estes sabiam que era verdade aquilo que lhes diziam. (VIÑAS, 1982, p. 110. tradução nossa).

A alma que se une a de seu amigo tornando-se, com a dele, uma só – Esta expressão é encontrada em Aristóteles, Horácio, Ovídio e em Cícero. De todas as definições do mundo greco-romano talvez seja esta a que aparece com mais frequência nos escritos de Agostinho quando este deseja expressar o que é, para ele, a amizade. O fato de, no Novo Testamento, se encontrarem algumas definições semelhantes a esta, deve ter contribuído decisivamente para isto. (VIÑAS, 1982, p. 110. tradução nossa).

Ter uma só alma e um só coração orientados para Deus – Este é o primeiro e grande ideal que Agostinho propõe àqueles que com ele viverão em comunidade. Aqui se encontra a melhor expressão do carisma que o tem como fundador e que se encontra em sua *Regra*. (VIÑAS, 1982, p. 111. tradução nossa).

Os amigos possuem tudo em comum – Quem se tornar *um* com o amigo e “tiver uma alma em comum”, de tal modo que “sua alma não lhe seja própria, senão de todos os irmãos, cujas almas também lhe pertencem, ou melhor, cujas almas não se tornam várias com a sua, senão uma, e única em Cristo”, não pode possuir as coisas somente para si. (VIÑAS, 1982, p. 112. tradução nossa).

Estas são as principais referências dos clássicos antigos tomadas por Agostinho e, posteriormente, adaptadas pelo mesmo para chegar à sua própria definição de amizade, a qual aparece expressivamente em suas palavras após passar pela principal e mais significativa mudança de sua história: sua conversão definitiva à fé cristã. A definição cristã, por excelência, de amizade será melhor elaborada no próximo tópico desta pesquisa.

4.2.3 A verdadeira amizade

Após refletirmos o conceito de amizade em Santo Agostinho sob a influência dos clássicos antigos, o nosso próximo ponto para uma contínua reflexão do tema é, sem dúvida, uma análise de como a Sagrada Escritura o influenciou em seu

³⁷ Esta definição de amizade se encontra na *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles.

pensamento tornando-se, para ele, o principal instrumento de estudo e meditação a partir de sua conversão.

Quão significativo fora para si o estudo e reflexão de alguns textos bíblicos que, mesmo considerando algumas definições clássicas herdadas dos antigos, estas só manteriam sentido, para ele, se as mesmas tivessem suas bases fundamentadas em Deus. “Os textos bíblicos, por sua vez, lhe servirão para sublinhar a dimensão transcendente da amizade entre os cristãos e para descobrir na *caritas* fraterna a síntese perfeita entre o *eros* e a *ágape*” (VIÑAS, 1982. p. 114. Tradução nossa).

Como já estudamos, anteriormente, o conceito de *caritas*, além de significar e representar o amor correspondido a alguém que lhe é querido pode expressar, também, o amor em Deus por si ao próximo incluindo os inimigos, de qualquer forma, o termo *caritas*, em Santo Agostinho, define-se melhor como sendo um *amor de amizade*. Entendemos por *amor de amizade* aquele cujo maior interesse é oferecer-se gratuitamente ao próximo com a intenção de torar-se um amigo seu.

Na linha do pensamento agostiniano, quando falamos de *amicitia*, considerando a influência que Agostinho teve de alguns pensadores clássicos, porém, numa perspectiva cristã, assim como quando falamos de *caritas* a entendemos como um amor mútuo em Deus que é resultado de uma profunda reflexão dos textos da Sagrada Escritura, estamos falando de uma única realidade: a *verdadeira amizade*.

Uma das citações que melhor definem esta *verdadeira amizade*, a encontramos em uma passagem de acentuada inspiração bíblica quando, no quarto livro das *confissões*, Agostinho revê aquela que ainda não era uma amizade verdadeira e reflete o que é a verdadeira amizade. Ali percebemos a amizade numa dimensão transcendente, através de uma reflexão teológica, sem desconsiderar a sua dimensão humana, ou seja, “a amizade, convertida em caridade, pela *ágape* de Deus, continua sendo amizade ou, com maior precisão, *vera amicitia*.” (VIÑAS, 1982, p. 116. tradução nossa). Discorrendo sobre esta passagem, Agostinho nos diz:

Na época em que começava a ensinar na cidade em que nasci, travei relações com um amigo que, tendo os mesmos interesses de estudo, veio a ser muito querido. Era da minha idade e estava, como eu na flor da juventude. Crescemos juntos desde meninos, fomos colegas de escola e de folgedos; mas só então tornou-se verdadeiramente meu amigo, embora não fosse essa a verdadeira amizade, pois a amizade só é verdadeira

quando une pessoas ligadas a ti pelo “amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. (AGOSTINHO, 2002, p. 94).

É neste texto que Agostinho demonstra, certamente, uma das melhores reflexões, como um autêntico e convertido cristão, daquilo que ele entende e define, em sua vasta produção literária, por *verdadeira amizade*.

Sobre esta amizade tão cara para Agostinho vale ressaltar que, mesmo faltando-lhe o “ágape” que pelo Espírito Santo nos é dado, não ficou taxada de *falsa amizade*, mas sim como sendo uma amizade *incompleta*. Esta seria, talvez, a melhor maneira de qualificar alguns dos amigos anteriores à sua conversão, uma vez que apenas alguns deles passariam a ser qualificados com o título de *amizades inimigas*, como é no caso de Romaniano, por exemplo. “Em todo caso, nesta e em outras passagens que podem ser consideradas como paralelas, concluímos que os aspectos humanos da amizade, que podem existir antes do encontro com a *verdade* não podem ficar de fora do conceito de *verdadeira amizade*.” (VIÑAS, 1982, p. 117. tradução nossa).

5 A RELEVÂNCIA DA AMIZADE AGOSTINIANA NOS TEMPOS ATUAIS

Após havermos refletido sobre as ponderações de Bauman acerca da liquidez dos tempos hodiernos e conhecermos o conceito de Amizade na vida e na obra de Santo Agostinho, buscaremos, então, identificar se sua vivência tem, ou não, relevância na sociedade líquido-moderna em que vivemos.

No intuito de refletirmos a respeito da relevância da amizade agostiniana no nosso cotidiano, realizamos uma pesquisa na qual procura-se demonstrar o que os seus autores entendem e/ou definem por Amizade desde seus respectivos pontos de vista. Dos cinco depoimentos, um deles³⁸ é apresentado por um amigo do Facebook, ou seja, por um amigo da Rede, por uma amizade virtual.

5.1 AMIZADE: UMA FORMA SUBLIME DE AMAR

“A nossa história é a história das relações que construímos ao longo de nossa vida. Somos seres sociais por natureza. Ninguém é plenamente humano vivendo isolado de seus semelhantes. Todos tendemos a buscar outras pessoas com quem possamos partilhar nossa existência. Dentre essas pessoas, há aquelas com as quais sentimos uma grande afinidade e que percebemos serem especiais: são os amigos.

Um provérbio popular muito usado diz que “quem encontrou um amigo encontrou um tesouro”. É uma grande verdade! Um amigo verdadeiro é muito mais valioso do que qualquer tesouro material. É um bem que não se pode comprar com nenhuma moeda. Não se pode forçar alguém a ser seu amigo. Parece ser algo que faz parte da essência de cada um e que, em determinado momento, decide unir-se de uma maneira tão forte que nem a distância nem nada é capaz de separar. Com isso queremos dizer que não “escolhemos” nossos amigos. Nós nos encontramos em algum momento e percebemos que nascemos para ser amigos. Assim são as verdadeiras amizades.

Há pessoas que distinguem entre amizades verdadeiras e falsas. Isso é um erro! O próprio termo amizade não admite qualquer sentido negativo. Ou se é amigo, ou não é. Existe grande diferença entre alguém que é nosso amigo e outrem que é

³⁸ Diêgo Camelo Cardoso.

nosso vizinho, colega, conhecido, parente. Essa diferença vem, em primeiro lugar, do grau de proximidade. Em segundo lugar, os que citamos por último não são “escolhidos” por nós. Nada nos obriga a sermos amigos de alguém. Mesmo sentindo o que dissemos acima podemos ficar à distância daquela pessoa. Mas quando decidimos partilhar nossa vida, mostrar-nos sem véus, aí nasce a amizade.

Um amigo é capaz de sentir o outro. Sabe quando o outro está bem e quando está precisando de um ombro para chorar. Entende que nem sempre apoiará o outro em suas escolhas, mas que nem por isso virará as costas para ele. Compreende que, por mais longe que estejam um do outro, quando se reencontrarem, continuarão a se amar como antes. No momento da despedida sentem que uma parte de seu coração é deixada com o outro. Enfim, a amizade é uma forma sublime de amar.”³⁹

5.2 ENTRE AMIGOS

“Com o passar do tempo, percebemos que as amizades que antes pareciam ser para sempre, como nos contos de fadas, se mostram finitas diante das dificuldades, revelando-se que, de certa forma, não eram verdadeiras amizades. Amizade desse tipo não é nada além de uma relação social com uma pessoa distinta, ou seja, se perdemos um “amigo” é por que, de fato, nunca fomos amigos de verdade, pois, um amigo de verdade não se perde, amigo é para sempre.

Uma determinada pessoa é realmente sua amiga quando te mostrar o caminho certo mesmo que, para isso, possa comprometer a relação entre ambos. Acredito que um bom amigo jamais concordará ou nos apoiará numa atitude que possa ser causa de infelicidade. Um amigo irá sempre lhe mostrar a direção a seguir para que possamos realizar, com sucesso, os nossos objetivos.

A amizade não pode ser comprada e sim conquistada. Ela deve ser livre e ter uma base simples para que a confiança estabelecida se mantenha coerente mediante o passar do tempo. Um sorriso, um aceno ou um simples “olá!”, são pequenos gestos que mudam o jeito das pessoas enxergarem as coisas pelo simples fato de terem alguém torcendo por você e querendo o seu bem estar social e pessoal.

³⁹ Depoimento dado por Manoel Gomes.

Amizade é algo que descrevo como sendo um presente de Deus para nos ajudar a trilharmos juntos os nossos passos em um caminho cheio de pedregulhos e espinhos. É sempre bom contar com um ombro amigo em um momento difícil, e melhor ainda compartilhar com eles todos os momentos felizes da vida.

Muitas vezes nos deparamos com a distância que, quase sempre é interpretada como causadora do fim de muitas relações, mas não é bem assim. A distância apenas nos mostra o quanto são bons os momentos em que passamos acompanhados de pessoas tão queridas.

Ao compor este texto, me lembrei da obra do francês Alexandre Dumas, “Os Tres Mosqueteiros”, uma história firmada na amizade inquebrantável de seus personagens. Partindo desta história, me vêm à mente alguns questionamentos tais como: qual é o sentido da amizade nos dias atuais?; Ainda temos amizades sadias em meio a tanta superficialidade?; é possível cultivar amizades em pleno auge da *internet*?

De fato, as amizades se modificam o tempo todo e, com isso, nos adaptando, vamos continuando juntos com aqueles que tanto queremos bem: nossos amigos. Os amigos são valiosos e, por isso, precisamos preservá-los pois, como dito na canção de Milton Nascimento: “Amigo é coisa para se guardar, debaixo de sete chaves (...)”.

Sem nossas amizades a vida seria muito vazia, viveríamos em uma tremenda solidão. Que bom que existem os amigos para nos alegrar, nos divertir, aprender com eles, compartilhar bons momentos e, acima de tudo, amá-los. Em suma, viver entre verdadeiros amigos é o presente mais valioso que poderíamos ter na vida.”⁴⁰

5.3 AMIZADE: UM TEMPLO SAGRADO ONDE O HUMANO E O DIVINO SE ENCONTRAM

“A amizade é comparada a um tesouro, algo tão valioso e tão refinado, por isso, tão rara. Compreendo a amizade como um templo sagrado onde humano e divino se encontram. É um dom revelado por Deus mesmo. Quem encontra um amigo encontra um bem carregado de sentido. Nós nascemos para a relação, para vivermos em harmonia e comunhão com outro e, esse outro, eu o chamo de amigo. Ninguém vive sozinho, uma feliz amizade enche de alegria a vida, mata a sede da

⁴⁰ Depoimento dado por Sérgio Gouveia.

alma sedenta de encontro, pois somente nos descobrimos, nos completamos, ao compartilhar o que vivemos, sentimos e somos.

O avanço da técnica tem sido grande nos últimos anos, a rapidez da *internet* aproxima milhares de pessoas em segundos, basta um *click* e já estamos on-line, conectados a dezenas de “amigos”. Estes meios servem para ajudar a manter viva a amizade, o encontro, mas, sem dúvida, não são os fundamentos principais. Para estar em sintonia com o outro, com um amigo, não são necessários meios, a sintonia verdadeira é bem mais profunda, ela é divina, pois tem sua origem em Deus. Nossa vida, desde o princípio, quando saímos de suas mãos, até o encontro íntimo com Ele está sob o Seu olhar. É seu amor que nos conduz.

Compartilhar uma amizade é abrir as portas do coração para alguém entrar e, nele, ficar. Esse encontro acontece na intimidade dos corações que se encontram, motivados pelo Espírito de Deus, e começam a cultivar a semente da verdade, da vida e da fé, solo onde é cultivado este amor que se chama amizade.”⁴¹

5.4 AMIZADE: UM CAMINHO QUE DÁ SENTIDO À NOSSA EXISTÊNCIA

“Acredito que a nossa vida é um caminho e é nesse caminho que as coisas vão acontecendo e aonde tudo vai ganhando sentido. Mas é, também, nesse itinerário de ser caminhante que encontramos pessoas com as quais podemos partilhar os nossos medos, os nossos sonhos, as nossas decepções e os nossos amores. Pessoas que, de alguma forma, interagem com a nossa existência ressignificando o caminhar e pautando a nossa vida numa deliciosa aventura de ser com o outro. Chamo isso de Amigo. Isso mesmo, Amigo é aquele que acolhe suas misérias, que sente suas dores e, acima de tudo, sabe adentrar no solo santo do seu coração onde, muitas vezes, escondemos nossas precariedades. O verdadeiro amigo sabe lidar com isso, ou melhor, sabe como guardar isso.

Como diz o autor sagrado: “o amigo ama em todos os momentos, é um irmão na adversidade” (Provérbios 17:17). Realmente, as Sagradas Escrituras tem razão quando afirma essa verdade. O amigo ama em todos os momentos, permanece firme ao nosso lado, mesmo nos momentos mais difíceis da vida.

⁴¹ Depoimento dado por Irmã Alice.

Mas, nestes tempos hodiernos, onde tudo acontece muito rápido, cultivar uma verdadeira amizade se torna cada vez mais difícil. As pessoas não têm tempo para parar e ouvir, fazer o movimento de sentar juntos, etc. A poesia da amizade se faz presente na fala, no ato de se deixar cativar e, assim, fazer desse momento algo único e acompanhado de prosas camaradas.”⁴²

5.5 AMIZADE: UM SENTIMENTO QUE NASCE DA CONFIANÇA

“É um sentimento que nasce da confiança e de experiências partilhadas entre pessoas. É um desejo profundo e verdadeiro de que o “outro” esteja bem. Sentimento que cresce e toma forças a partir da entrega e do compromisso mútuo.

Pode surgir entre qualquer pessoa, independentemente de seu status social, formação acadêmica ou cultural, está entre “bons e maus”. É Livre de qualquer classe de interesses, ou seja, é a disposição de, se for preciso, dar tudo o que se tem. Não é dependência, é liberdade e segurança, pois, está nos dois e, por este motivo, permanece sempre firme frente a qualquer tribulação. Encontrar um verdadeiro amigo não é fácil, “amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontrar, terá encontrado um tesouro”. (Eclo 6,14).

Com tudo, termino partilhando que a amizade é, para mim, o sacramento das relações humanas, que é profundamente penetrado por Deus e que procura sempre estar ao lado de todos.”⁴³

⁴² Depoimento dado por Gleison Henrique.

⁴³ Depoimento dado por Irmão Diego.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em tempos líquidos, onde nada é feito para durar. Nele, somos incentivados a estarmos sempre nos “atualizando”, caso contrário, corremos o sério risco de sermos esquecidos, de sermos deixados para trás. Os tempos hodiernos nos permitem um contato imediato com pessoas de qualquer parte do mundo, e tudo isso em questão de segundos, graças ao avanço da tecnologia que trouxe consigo o fenômeno das Redes Sociais. Isto acabou afetando as nossas relações com o mundo e com as pessoas, em geral, levando-nos a uma reflexão acerca da fragilidade dos laços humanos.

Discorrendo sobre a liquidez dos nossos tempos, sob a luz do pensamento de Zigmunt Bauman, partindo de seus questionamentos, podemos refletir, também, sobre a vivência da amizade agostiniana buscando, assim, identificar a sua relevância nos dias de hoje. Para isto, foram coletados alguns depoimentos nos quais é relatado o que seus autores pensam e definem por amizade. Realizamos, também, algumas conversas informais que foram de fundamental importância para a construção deste trabalho. Com a leitura dos depoimentos coletados, pudemos identificar, neles, alguns aspectos da “amizade agostiniana”. Ali, os seus autores descrevem algumas de suas opiniões as quais condizem com os traços apontados durante o terceiro capítulo deste trabalho, onde buscamos apresentar a definição do conceito de Amizade em Santo Agostinho.

A título de ilustração, podemos citar, aqui, alguns destes aspectos tais como: uma amizade gratuita, que é cultivada desinteressadamente; a irrelevância de uma falsa amizade, já que esta não admite qualquer sentido negativo; a amizade como sendo uma alma que habita dois corpos onde, no momento da despedida, o amigo sente que uma parte de seu coração é deixada com o outro; uma amizade verdadeira, que dura para sempre; a amizade comparada a um tesouro, sendo ela um dos bens mais preciosos da nossa existência; a amizade comparada a um templo sagrado, onde as coisas divinas e humanas se encontram em perfeito acordo; a amizade vista como um encontro que acontece na intimidade dos corações, motivada pelo Espírito Santo de Deus onde, n'Ele, mantém os seus fundamentos; etc.

Não houve muitas dificuldades na abordagem do tema, apesar de não ser tão simples abordar um tema que tenha sido tratado por dois autores distintos, e que viveram em tempos diferentes.

Chegando ao final desta pesquisa concluímos que, mesmo estando marcados pelas características da sociedade líquido-moderna, onde vivemos e criamos laços uns com os outros, a amizade na concepção agostiniana ainda é vivenciada, sendo de grande relevância para a construção de um mundo melhor. Constatamos também que as ressonâncias de uma *Vera Amicitia*, definida por Agostinho em seus escritos, mesmo em nossa atual condição sociocultural, podem ser identificadas quer seja na Comunidade quer seja na Rede, entre os “amigos virtuais”. Desta maneira, concluímos, também, que o pensamento agostiniano permanece sempre atual resistindo às barreiras do espaço e do tempo, mantendo-se inabalável até os tempos hodiernos, onde Bauman defende que tudo é superficial, e assegura-se de que nada é feito para durar por muito tempo.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. v.2. 589 p. (Pensamento Humano).
- AGOSTINHO, Santo. **Contra os acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; O mestre**. São Paulo: Paulus, 2008. 415 p. (Patrística, 24).
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002. (Clássicos de Bolso).
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 210 p
- BAUMAN, Zigmunt. Vivemos tempos líquidos. Nada é feito para durar. **Revista ISTOÉ online**, São Paulo, 24 set. 2010. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS>. Acesso em: 07 out. 2013.
- BAUMAN, Zigmunt. **Fronteiras do pensamento**. YouTube. 10 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em: 17 out. 2013.
- BRACHTENDORF, Johannes. **Confissões de Agostinho**. São Paulo: Loyola, 2008.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 669p.
- MARTINS, Maria Manuela Brito. Amicitia nostra vera ac sempiterna erit: as fontes da amizade espiritual em Agostinho de Hipona. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v.64, n.1, p. 209-240, jan./mar. 2008.
- VIÑAS, Teofilo. **La amistad en la vida religiosa**. Madrid: Instituto Teológico de Vida Religiosa, 1982.